

# Fair Play

REVISTA DE FILOSOFÍA, ÉTICA Y DERECHO DEL DEPORTE  
[www.upf.edu/revistafairplay](http://www.upf.edu/revistafairplay)

## Empatia e Vontade de Vencer: Dois Polos em Tensão Permanente no Esporte

Elizabeth Pedrosa Ribeiro

Marco Antonio Oliveira de Azevedo

Universidade Vale do Rio dos Sinos

Citar este artículo como: Elizabeth Pedrosa Ribeiro-Marco Antonio Oliveira de Azevedo (2018):Empatia e Vontade de Vencer: Dois Polos em Tensão Permanente no Esporte', *Fair Play. Revista de Filosofía, Ética y Derecho del Deporte*, vol. 11, p. 68-95.

FECHA DE RECEPCIÓN: 14 de Septiembre de 2017  
FECHA DE ACEPTACIÓN: 25 de Enero de 2018

# **Empatia e Vontade de Vencer: Dois Polos em Tensão Permanente no Esporte**

Elizabeth Pedrosa Ribeiro

Marco Antonio Oliveira de Azevedo

## **Resumen.**

En el deporte competitivo la búsqueda de la victoria parece exigir a los atletas cierto grado de "inmoralidad". Las simulaciones y las faltas provocadas intencionalmente, así como provocaciones e incluso agresiones no son exactamente raras en deportes colectivos. ¿Serían esos comportamientos inherentes a la práctica del deporte? Al parecer, tales conductas dependen de cierta anulación o bloqueo de los mecanismos empáticos en nuestro cerebro, o sea, para que haya una "voluntad de vencer", es necesario menos empatía de lo que la moralidad exige. Sin embargo, sentimientos empáticos son condiciones fundamentales para que haya comportamientos morales adecuados. En este artículo, argumentaremos que durante una competición, es inevitable que los atletas expresen sentimientos conflictivos y que hay una tensión inherente al deporte entre la voluntad de vencer y la empatía. Estos dos impulsos están siempre presentes en el deporte, pues ellos representan, por un lado, el deseo del deportista en obtener éxito y, por otro, el deseo de respetar al adversario, a fin de garantizar una competencia justa. Combinar estos dos recursos sin hacer que sean anulados es quizás el mayor valor del deporte competitivo.

**Palabras clave:** Empatía; Voluntad de vencer; Deporte.

## **Abstract.**

In competitive sport, the pursuit of victory seems to require athletes a degree of "immorality." Intentional simulations and fouls, as well as teasing and even aggression are not exactly rare in team sports. Are these behaviors intrinsic to the practice of sports? It seems that such behaviors depend on a certain nullification or blockage of the empathic mechanisms in our brain, that is, for there to be a "will to win," less empathy is required than morality requires. However, empathic feelings are fundamental conditions for appropriate moral behavior. In this article, We will argue that during a competition, it is inevitable that athletes express conflicting sentiments and that there is an inherent tension in the sport between the will to win and empathy. These two impulses are always present in the sport, since they represent, on the one hand, the desire of the sportsman to be successful and, on the other, the desire to respect the adversary, in order to guarantee a fair competition. Combining these two features without making them void is perhaps the greatest value of competitive sport.

**Keywords:** Empathy; Will to win; Sport.

## **Resumo**

No esporte competitivo a busca da vitória parece exigir dos atletas certo grau de "imoralidade". Simulações e faltas provocadas intencionalmente, bem como provocações e mesmo agressões não são exatamente raras em esportes coletivos. Seriam esses comportamentos inerentes à prática do esporte? Ao que parece, tais condutas dependem de certa anulação ou bloqueio dos mecanismos empáticos em nosso cérebro, ou seja, para que haja uma "vontade de vencer", é preciso menos empatia do que a moralidade exige. Contudo, sentimentos empáticos são condições fundamentais para que haja comportamentos morais adequados. Neste artigo, argumentaremos que, durante uma competição, é inevitável que os atletas expressem sentimentos conflitantes e que há uma tensão inerente ao esporte entre a vontade de vencer e a empatia. Esses dois impulsos estão sempre presentes no esporte, pois eles representam, de um lado, o desejo do desportista em obter sucesso e, de outro, o desejo de respeitar o adversário, a fim de garantir uma competição justa. Combinar esses dois recursos sem fazer com que eles sejam anulados é talvez o maior valor do esporte competitivo.

**Palavras-chave:** Empatia; Vontade de Vencer; Esporte.

## ***1. Introdução***

O tema do papel da empatia no comportamento humano é um assunto bastante estudado em psicologia (Hoffman, 2000). Recentemente, porém, a empatia vem sendo apresentada como o mais importante mecanismo para o desenlace de ações de solidariedade e para a garantia da cooperação social (Blair, 1992; De Wall, 2008; Baron-Cohen, 2011; Batson, 2011). Retomando uma linha de pesquisa que remonta a filósofos modernos como David Hume e Adam Smith, salvo poucas críticas (Prinz, 2011), vários filósofos morais passaram a defender que disposições morais como a compaixão e o respeito dependem do desencadeamento de mecanismos psicológicos simpáticos e empáticos (Darwall, 1998, 2006; Sober e Wilson, 2008; Slote, 2010). Compaixão e respeito são certamente atitudes essenciais para o estabelecimento de laços de solidariedade e cooperação social. Em sua vida social, os indivíduos por certo perseguem objetivos individuais, mas com frequência envolvem-se em atividades cuja finalidade não é promover seus próprios interesses, mas sim ajudar outras pessoas a alcançar bem-estar ou garantir seus direitos. E mesmo no caso das relações de mercado, a competição ocorre basicamente entre comerciantes, agentes fornecedores e companhias, mas não entre consumidores. O próprio Adam Smith inclusive defendeu que mesmo no mundo competitivo dos negócios há um papel fundamental exercido pela empatia (sem a qual não poderia haver quaisquer relações de confiança estáveis entre os indivíduos que competem) (Smith, 1999). Além do mais, especialistas em administração afirmam que mercados competitivos são positivos quando a disputa entre os concorrentes é uma disputa ou um jogo de “soma positiva” e não um “jogo de soma zero” (Porter e Teisberg, 2006).

E quanto aos esportes competitivos? Afinal, não há dúvidas de que também nos esportes é preciso empreender ações de solidariedade e respeito. Contudo, parece claro que não é a empatia o que move o atleta a competir. Assim, em toda competição esportiva, o objetivo fundamental é vencer o adversário. Em esportes competitivos, os jogos são de soma zero (Kretchmar, 2005). Assim, não parece haver dúvidas de que o que impulsiona psicologicamente todo atleta em uma competição é seu desejo ou a vontade de sagrar-se vitorioso. Não seria, portanto, fundamentalmente essa vontade de vencer o impulso fundamental que conduz o atleta ou desportista a permanecer agindo

dentro das regras do jogo e da competição? Não seriam, por outro lado, os impulsos empáticos distrações que retardariam ou evitariam que o competidor possa empreender esforços efetivos com o fim de vencer seu adversário?

Parece, assim, que empatia e vontade de vencer não são mecanismos psicológicos que operam de forma sinérgica durante uma competição. Todavia, assim como a vontade de vencer é essencial para a competição, a empatia é também um mecanismo essencial para que durante a prática do desporto os atletas mantenham-se dentro dos limites recomendáveis para uma prática de jogo justo, ou fair play. Respeito e solidariedade exigem preocupações simpáticas ou empáticas, atitudes emocionais capazes de mobilizar comportamentos altruístas (Batson, 2011). Todavia, se os atletas estivessem durante uma competição plenamente ocupados e preocupados simpática e empaticamente com seus adversários, como poderiam manter seu foco na vitória? Afinal, vencer é derrotar seu adversário, é causar-lhe um infortúnio. Não estariam, assim, a vontade de vencer e a empatia em uma permanente tensão durante as competições? E não seria essa tensão uma característica inerente a toda atividade desportiva competitiva?

Para que possamos atacar esse problema, vejamos primeiro o que podemos entender por empatia e como ela pode ocorrer no seio do esporte. Em vista do que sabemos sobre a empatia, podemos dizer que é ela o mecanismo psicológico que permite a um desportista reconhecer seu adversário como parceiro de profissão, como alguém com os mesmos anseios e objetivos. Isso porque a empatia adaptou-se em seres vivos como um mecanismo psicológico que permite a alguém reconhecer uma necessidade que não é sua, mas que é de outra pessoa (Batson, 2011, p. 33). Entretanto, quando se joga em equipe, não é a empatia (ou ao menos não é só a empatia) que comanda a união entre parceiros de um mesmo time, e sim também a cooperação baseada no interesse mútuo, dado o objetivo comum de vencer a equipe adversária. Alguns estudiosos sustentam que essa modalidade de cooperação consiste numa evolução comportamental que soluciona o problema básico da cooperação entre indivíduos essencialmente auto interessados (Axelrod, 1984). Observe-se, porém, que aqui falamos de uma forma de cooperação que não se direciona aos adversários, mas aos parceiros de um mesmo desafio. Sendo, porém, um mecanismo fundamentalmente

direcionado ao outro, a empatia é plausivelmente o mecanismo psicológico que permite ao desportista perceber seu adversário também como uma pessoa capaz de se interessar por algo que lhe proporciona algum bem, o que inclui, por certo, a vitória na competição. Ocorre que os interesses dos adversários em vencer a competição são interesses opostos entre si.

Em termos cognitivos, a empatia permite ao desportista reconhecer seu adversário como uma pessoa portadora de interesses, dentre os quais ao menos um interesse que é circunstancialmente oposto ao seu, o interesse de vencer a competição. Stephen Darwall argumenta que o respeito aos outros é uma resposta comportamental desencadeada por mecanismos empáticos (Darwall, 1998, 2006). Segundo Darwall, é a empatia o que permite com que alguém reconheça outra pessoa como portadora de uma demanda sobre o agente. No caso do esporte competitivo, pode-se argumentar que é a empatia o que permite com que um competidor assuma (ou ao menos possa assumir) também o ponto-de-vista de seu adversário, reconhecendo-o assim como alguém capaz de lhe demandar o respeito às regras do esporte e também atitudes de não violência. Adversários de uma competição também podem eventualmente demandar ações de solidariedade em situações capazes de expor os atletas a riscos à sua saúde ou à sua integridade física. É bastante plausível, portanto, que a empatia seja a fonte natural para o desencadeamento de atitudes de fair play, e que ela seja o principal mecanismo psicológico que permite com que os atletas possam praticar de forma espontânea ações de respeito e solidariedade mesmo sem abandonar o objetivo competitivo de derrotar seus adversários.

Competição e solidariedade são, assim, aspectos fundamentais do esporte, muito embora suas fontes motivacionais estejam frequentemente em tensão. Para defender essa abordagem, vejamos uma história de solidariedade e empatia entre dois irmãos, Alistair e Jonathan Brownlee, adversários nas competições de Triatlo. Na etapa do circuito mundial de Triatlo, disputada em Cozumel, no México, os dois triatletas proporcionaram uma cena que ficará eternizada na história do atletismo. O britânico Alistair brigava para vencer o sul-africano Henri Schoeman, quando desistiu da disputa para ajudar seu irmão, Jonathan, que passou mal e iria desistir da prova antes de cruzar a linha de chegada. Com a ajuda do irmão, Jonathan terminou a prova em segundo

lugar, e logo após cruzar a linha de chegada desabou no chão diante do desgaste sofrido na prova que encerrou com uma corrida de 10 km. Alistair, que é bicampeão olímpico, terminou a prova em terceiro lugar e foi muito aplaudido pelo público presente por seu gesto. A ajuda ao irmão mais novo também foi explicada pela disputa do título do circuito. Com a vitória, Jonathan poderia conquistar o troféu de campeão da temporada. Porém, quando estava a 1 km da chegada, o britânico não aguentou o desgaste e o forte calor, e mesmo com a ajuda do irmão, o segundo lugar conquistado não foi suficiente para Jonathan ganhar o título. Todavia, o sentimento dos irmãos ao fim da competição não foi de decepção e sim de alívio. “Foi uma reação natural do ser humano com um irmão, mas para qualquer um eu teria feito à mesma coisa. Eu acho que é o mais próximo da morte que você pode estar no esporte”, disse Alistair. Já para Jonathan, restou agradecer ao irmão: “não era como eu esperava terminar a temporada, mas eu deixei tudo. Obrigado, Alistair. Sua lealdade é incrível” (Atleta..., 2016).

No episódio com os irmãos Brownlee, foi a empatia o mecanismo que determinou que, naquele momento, a disputa por um resultado melhor na prova deixasse de ser o mais importante. A preocupação de Alistair com o bem-estar de Jonathan foi o que fez com que sua vontade de conquistar um resultado melhor na prova fosse diminuída. Estamos, é claro, falando de dois irmãos. Mas a empatia, como defendeu Hume, manifesta-se de forma mais intensa justamente nesses casos.

Assim como no caso de Alistair e Jonathan, o esporte tem proporcionado vários exemplos de solidariedade e compaixão entre adversários, mesmo durante disputas acirradas. Neste artigo, argumentaremos que, durante uma competição, há uma tensão inerente entre a vontade de vencer e a empatia. Esses dois impulsos estão sempre presentes no esporte, pois eles representam, de um lado, o desejo do desportista em obter sucesso e, de outro, a disposição de respeitar o adversário, a fim de garantir uma competição boa e justa. Defenderemos que a combinação entre esses dois impulsos, sem que sejam anulados, é essencial para o sucesso da atividade esportiva competitiva

### ***3. O que entendemos por empatia?***

Um pensador moderno que estudou esse assunto foi o filósofo escocês Adam Smith. Adam Smith (1999, p. 5) entendia a empatia (em seus próprios termos,

sympathy)<sup>1</sup> como um sentimento originário da natureza humana, sendo um mecanismo emotivo compartilhado por todos os seres humanos. Para Adam Smith, desde os mais virtuosos até os maiores infratores de leis não são completamente desprovidos desse sentimento. Diz Adam Smith: “por mais egoísta que se suponha o homem, evidentemente há alguns princípios em sua natureza que o fazem interessar-se pela sorte de outros, e considerar a felicidade deles necessária para si mesmo, embora nada extraia disso o prazer de assistir a ela” (Smith, 1999, p.5).

Para Adam Smith, a empatia tem o efeito de permitir que compartilhem as emoções e afetos dos outros, comparando-os aos nossos. Ele apresenta a empatia como um sentimento que acontece por meio da imaginação, pois é através dela que é possível idealizar as sensações dos outros. Todavia, a imaginação nos dá a possibilidade de fazermos apenas a reprodução dos nossos sentidos e não dos sentidos alheios. Adam Smith defende que o homem é suscetível de paixões; assim, no caso da empatia, as emoções do espectador revelam como ele imagina que seriam as emoções do outro. Ele também adota a empatia como uma forma de solidariedade (piedade e compaixão) ao sofrimento alheio.

O tema da empatia seguiu sendo tratado como assunto de importância para algumas correntes da filosofia moral. Mais recentemente, porém, a empatia passou a ser objeto de estudo analítico e empírico por psicólogos, como é o caso do psicólogo norte americano Martin Hoffman. Os estudos de Hoffman apresentam o mecanismo que Adam Smith descreveu como um recurso variado e complexo. Hoffman trata a empatia como uma disposição psicológica relacionada diretamente ao desenvolvimento de um senso sobre o bem-estar, sobre os sentimentos e emoções de outras pessoas. Para Hoffman, a empatia é uma resposta humana universal apta a gerar influências cognitivas além de emocionais. Em linhas gerais, Hoffman define a empatia como um conjunto de “processos psicológicos que faz com que uma pessoa tenha sentimentos mais congruentes com a situação do outro do que com a sua própria” (Hoffman, 2000, p. 30). Partindo dessa concepção, Hoffman sugere que a empatia, ao invés de ser um mero encontro emocional entre duas pessoas, é uma resposta vicária a uma imagem mental que alguém tem do sofrimento do outro, o que insinua certo nível de afastamento entre eles. Desse modo, o foco da empatia está nos processos cognitivos e afetivos que

permeiam a relação dos seres humanos. Tais processos não levam necessariamente o sujeito a experimentar exatamente o mesmo sentimento percebido no outro (para Hoffman, o chamado “contágio emocional” é apenas uma modalidade de empatia). Hoffman defende, por outro lado, tal como defenderá Batson (2011) e outros, que a empatia está relacionada à motivação para um comportamento altruísta, visto que colabora para que o sujeito ajude outras pessoas, não exatamente por sentir-se bem com isso, mas com o fim de atenuar a angústia e o mal-estar experimentados pela outra pessoa.

Vejamos agora como a empatia ocorre nos esportes competitivos. Ora, fica claro a partir desse entendimento sobre as funções do mecanismo empático por que o esporte competitivo foi visto por alguns como envolvendo certas características paradoxais. Coubertin, por exemplo, associou ao esporte dois traços que lhe pareciam opostos: de um lado, “a liberdade do excesso” (*citius, altius, fortius*) e, de outro, o “cavalheirismo” (*fair play*).<sup>2</sup> Como seria possível a convivência entre esses opostos, nas condições de um jogo, quando o que predomina são as ações práticas combativas (Coubertin, 2015, p. 573)? É possível que um atleta deixe de se importar com sua vitória pessoal quando percebe que o outro está numa situação de sofrimento? Ou ainda, é possível praticar ações empáticas quando essas claramente impedem o atleta de explorar o limite das possibilidades de uma competição? Para responder essas perguntas precisamos considerar de que maneira os atletas lidam durante o jogo com seus impulsos empáticos. Sendo a empatia a capacidade humana que nos torna capazes de agir em função do bem-estar alheio, e de também compreender e ser afetado pelos sentimentos e afecções emotivas dos outros, e sendo a vitória o desejo que impulsiona o atleta a competir, uma consequência é que a empatia move o atleta em direção à satisfação de um interesse ou desejo diverso do interesse ou desejo do competidor em vencer a disputa. Em outras palavras, é a vontade ou bem do outro o que move o atleta a praticar atos de solidariedade e *fair play*, e não a vontade do próprio atleta de vencer o jogo. Há óbvias circunstâncias em que o atleta, ao direcionar sua ação para a satisfação do bem de seu adversário, distancia-se do seu objetivo de vencer o jogo. Estaria, assim, o atleta disposto a sacrificar seu interesse na vitória para promover o bem de seu adversário? Ora, a vitória depende da determinação do atleta em perseguir esse objetivo.



E diante desse objetivo pode ocorrer que ele se encontre diante de duas alternativas opostas: ou ele leva a competição a sério e não se deixa influenciar pelas vicissitudes do adversário, ou ele dá vazão a seus mecanismos empáticos, colocando as dificuldades do adversário acima de seu próprio desejo de vencê-lo.

Hoffman revela que a associação entre os sentimentos produzidos durante os acontecimentos empáticos e os níveis de desenvolvimento sociocognitivo determinam mudanças no modo como os indivíduos irão experimentar a empatia. Ele caracteriza como angústia empática o sentimento que produz sensação de desconforto no agente, ou seja, o agente apresenta sentimentos empáticos ao testemunhar a angústia do outro, experimentando uma sensação de desconforto diante do sofrimento alheio. A angústia simpática promove um sentimento de compaixão e piedade pela vítima, ao passo que a ação empática é aquela que busca aliviar não apenas esse desconforto gerado no agente, mas busca fundamentalmente ajudar a outra pessoa. Hoffman assegura existir diferenças qualitativas nos componentes afetivos da empatia, sobretudo quanto à natureza da experiência subjetiva do observador e das emoções determinadas pelos sentimentos empáticos.

Saindo da psicologia, voltemos aos filósofos morais. Na história da filosofia, como já vimos, a defesa da empatia está fortemente ligada aos nomes de David Hume e Adam Smith. Em todas as relações humanas, diz Adam Smith, deveriam estar presentes a solidariedade, pois o oposto dela assombra, desagrega. Podemos com isso inferir que também no esporte deveriam imperar atitudes cooperativas em vista do objetivo de promover uma competição mais saudável e capaz de contribuir para o desenvolvimento do todo humano:

[...] seja qual for a causa da simpatia, ou do que a provoca, nada nos agrada mais do que observar em outros homens uma solidariedade com todas as emoções de nosso peito; e nada nos choca mais do que a aparência do contrário (Smith, 1999, p. 11).

Se Adam Smith estiver certo, nada também nos agradaria mais no esporte competitivo do que observar atos de solidariedade para com os adversários. Do mesmo

modo, nada deveria nos chocar mais do que observar uma equipe buscando derrotar seus oponentes sem piedade. É evidente que há algo de errado nessa inferência. Não faz sentido, portanto, inferir da premissa de que a empatia é a principal fonte psicológica da ação moral, e de que o esporte como tal é um empreendimento moral, que toda ação ou forma de comportamento oposto à solidariedade e compaixão entre adversários deveria nos desagradar ou causar-nos sensação de choque ou repulsa. Admiramos desportistas que perseguem com determinação e avidez a vitória. Aplaudimos o sucesso dos vitoriosos e não nos deixamos comover no esporte pelo insucesso dos derrotados.

Talvez o recurso a teorias morais teleológicas possa abrir espaço a uma visão mais adequada e ampla da ética nos esportes competitivos. Robert C. Solomon (2006, p. 326), um filósofo de orientação Aristotélica, defende que a moralidade está essencialmente relacionada às coisas que tornam a vida boa, agradável e amena.<sup>3</sup> Por outro lado, mesmo filósofos que entendem a moralidade de um modo amplo, como Bernard Williams, também defendem que um sujeito moral é aquele que tem “preocupação com os interesses das outras pessoas”, estando disposto a abdicar de determinadas atitudes por serem injustas ou desonrosas (Williams, 2005, p.4). De fato, na competição, uma atitude injusta ou desonrosa é aquela que se estabelece contrariando as regras que constituem e regulam um determinado esporte, desonrando desse modo o desportivismo. Ora, faz parte dos objetivos de toda competição que seus protagonistas se dediquem com excelência à busca da vitória. Como vencer é o objetivo intrínseco à disposição de competir, é possível a partir disso traçar um paralelo com as visões de Aristóteles, para o qual a felicidade é o bem almejado por todo ser humano.<sup>4</sup> Ora, que outro desfecho feliz buscaria o desportista senão vencer? Dizendo de outro modo: feliz e bem-aventurado é aquele desportista que alcança a vitória. Ou diríamos de um desportista que ele é bem-aventurado mesmo quando nunca vence um jogo ou competição sequer?

Agora, se a vitória é o objetivo principal da competição, o que dizer das situações que ocorrem ou podem ocorrer no transcorrer de um jogo competitivo que estimulam os desportistas a infringir as regras estabelecidas e a competir de forma injusta com o objetivo de “vencer a qualquer custo”, isto é, independentemente dos meios usados para esse fim? Para compreender melhor essa possibilidade, considere-se a burla ou trapaça

praticada por alguns desportistas, por meio das quais as regras da competição são infringidas com o fim de se obter vantagem na disputa. Em alguns esportes, os exemplos são pueris. Simulações de faltas e lesões, por exemplo, são modalidades de trapaça comuns, por meio das quais um jogador camufla sua verdadeira intenção, a fim de convencer árbitros, adversários, e por vezes a própria torcida. Tais situações são frequentemente toleradas e há quem diga que elas “são parte do jogo”. Aparentemente, essa situação sugere que uma falsa aparência de moralidade possa ser usada pelos desportistas com o objetivo de obter vantagens na disputa. Poderíamos, a partir disso, argumentar que a exigência de uma conduta íntegra depende mais das circunstâncias da disputa, da pressão provocada sobre os envolvidos numa competição. Seriam tais modalidades “toleradas” de antidesportivismo parte do ethos do esporte? Admitindo-se que tais atitudes antimorais são prevalentes em alguns esportes (costuma-se dizer que é comum, por exemplo, no futebol), não seriam elas o resultado de certo impedimento, intencional ou não, dos mecanismos empáticos que as evitariam? Pois parece óbvio que a empatia permitiria com que os jogadores (e também os torcedores) agissem de modo a se sentir “chocados” com essas práticas (tal como a citação acima de Adam Smith sugere). Se a empatia sempre prevalecesse, diante do dilema entre trapacear a fim de vencer ou agir em respeito às regras do jogo, comportamentos desse tipo não seriam certamente tão comuns. Seria isso desejável?

### ***3. Seria a tensão entre a empatia e a vontade de vencer uma tensão inciliável?***

Há, com efeito, um conflito, ou como preferimos descrever, uma tensão entre a vontade de vencer e os impulsos ou disposições empáticas que movem os atletas a respeitar as regras que garantem a cooperação e a solidariedade no esporte. Exige-se, assim, dos esportistas que se mantenham envolvidos numa tensão permanente entre manter o foco na busca da vitória sem perder de vista o respeito e a solidariedade com seus adversários. Como lembrou Huizinga, “quanto mais estiver presente o elemento competitivo mais apaixonante se torna o jogo” (Huizinga, 2000, p. 14). Todavia, é o próprio Huizinga quem destaca que, ao levar a sério a disposição de vencer, os desportistas acabam perdendo de vista o caráter lúdico que estaria na origem dos jogos. Jogos, entende Huizinga, são empreendimentos originalmente solidários e cooperativos.

Se Huizinga tem razão, então podemos acrescentar à tese de que há uma tensão entre a disposição de vencer e a disposição de cooperar solidariamente, a tese análoga de que a disposição de vencer também está em tensão com a disposição de jogar (de brincar, de participar de um empreendimento comum).

No entanto, o que poderia garantir que esse estado de tensão entre a vontade de vencer e a empatia não se rompa durante o jogo? Metaforicamente, o estado de tensão poderia ser apresentado como uma corda ou um elástico que a qualquer momento poderia ser rompido—há duas forças: uma que direciona o atleta para um lado (vencer), e outra que o puxa para o outro (ser empático). Esse conflito também pode ser representado pela existência de dois propósitos distintos e opostos: a vontade de vencer, cuja finalidade (télös) é a vitória, e a empatia, cujo télös é a solidariedade e o respeito ao adversário. Estando a vontade de vencer e a empatia em tensão, pode ocorrer que, em algum momento, o desportista alcance a vitória desrespeitando o adversário (é o que representamos acima como o rompimento dessa corda), ou pode ocorrer que ele, respeitando demais o adversário, acabe abdicando da vitória (situação estranha para uma disputa). Assim, numa competição, o ideal é que esse conflito continue sempre numa tensão equilibrada. Por outro lado, estar tenso durante uma competição está associado a desejar muito algo, e desejar muito alguma coisa pode levar a uma forte tentação. Nesse caso, assumindo-se que todo jogador deseja a vitória, quanto mais ele se aproximar de sua meta, mais esse desejo aumenta, podendo, assim, a sua determinação de seguir respeitando as regras do esporte e os princípios do fair play ser facilmente superada por seu desejo de sagrar-se vitorioso.

Poderíamos aqui traçar uma analogia com o fenômeno que os filósofos gregos chamavam de *acrasia*. O *acrático* é aquele sujeito que sabe o que deve fazer, mas ainda assim não faz.<sup>5</sup> Ele conscientemente (e com remorso) age contra suas melhores razões. O *acrático* é, assim, um sujeito que se mostra incapaz de controlar suas tentações. Em casos conhecidos, essa incapacidade é sistemática; esses são os casos que a Psiquiatria classifica como transtornos de conduta. Mas essa incapacidade não precisa ser sistemática. Se alguém é prudente, assim pensam os teóricos clássicos da virtude (Sócrates, Platão e Aristóteles), deveríamos esperar dele um comportamento virtuoso sistemático. Mas a virtude, ao que parece, pode expressar-se de modo variável a

depender das circunstâncias e do contexto. Isso é, aliás, um reconhecido problema para teorias clássicas da virtude, como as de Sócrates, e talvez mesmo a de Aristóteles; atualmente há quem admita que a ideia de que possa haver pessoas com traços de caráter estáveis ou robustos não passe de um mito (Harman 2003).

Uma explicação geral elegante e plausível para o fenômeno da acrasia é a que foi dada pelo psicólogo George Ainslie em *Breakdown of Will* (2004). Ainslie questionou a suposição das teorias da decisão racional mais tradicionais e sustentou um modelo que permite explicar o aparente paradoxo da acrasia. Um dos problemas das teorias tradicionais é a suposição de que todo agente age segundo decisões estáveis, baseadas no modelo da maximização de seus desejos ou preferências. O fato é que as pessoas não mantêm comportamentos estáveis. Elas são, ao contrário, bastante suscetíveis a variações temporais em suas preferências. Era preciso, porém, mostrar como preferências podem ser temporalmente variáveis. Ainslie sustentou que, embora as pessoas não deixem de procurar maximizar suas recompensas futuras, elas descontam suas expectativas futuras de uma forma que parece contrariar o que admitiriam como racional. Os economistas, reconhece Ainslie, sabem perfeitamente que as pessoas descontam o futuro. Aliás, isso é um pressuposto da teoria da utilidade marginal. Em seu estudo, Ainslie sustenta que as teorias econômicas tradicionais imaginam que as pessoas costumam descontar o futuro de forma exponencial, quando, na verdade, o desconto é hiperbólico. De fato, se as pessoas desvalorizam o futuro, dada sua distância relativamente ao presente, o resultado é uma curva de desconto hiperbólica (veja figura 3):

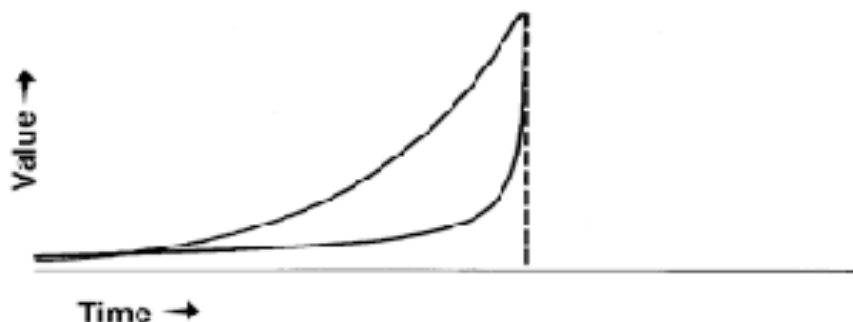


Figura 3 - Uma curva exponencial e uma curva hiperbólica (a mais abaulada das duas). Na medida em que se aproxima o momento da realização de um desejo ou objetivo, o impacto motivacional (o valor) dos objetivos do agente aproxima-se do valor desse desejo ou objetivo não para o agente descontado (representado pela linha vertical descontinua). Exemplos: o valor de uma poupança aumenta quanto mais se aproxima o momento de sua retirada. Se planejei ir a uma festa, meu entusiasmo aumenta rapidamente quanto mais me aproximo da data. Nos "descontos" hiperbólicos, o valor do desejo ou objetivo aumenta hiperbolicamente diante da proximidade de sua realização (figura extraída de Ainslie 2004, p. 31).

Imagine duas pessoas, o Sr. Exponencial, que desconta o futuro exponencialmente, e o Sr. Hiperbólico, que desconta hiperbolicamente. Ainslie nos põe a imaginar algum negócio entre ambos. Suponhamos que o Sr. Exponencial deseje o casaco de inverno do Sr. Hiperbólico. No verão, o Sr. Exponencial compraria um casaco do Sr. Hiperbólico por um preço bem mais barato do que o Sr. Hiperbólico compraria um dele. No inverno, o Sr. Exponencial poderia vender o casaco por um preço maior ao Sr. Hiperbólico. Um indivíduo que guiasse suas escolhas de forma hiperbólica parece ser uma vítima fácil da ganância dos que descontam o futuro de forma exponencial. Descontar o futuro de forma exponencial é, portanto, mais racional do que descontar de forma hiperbólica. Evolutivamente, essa forma de conduta seria, com efeito, mais adaptativa do que a outra; o problema é que não é isso o que observamos, diz Ainslie. Cada vez mais observamos um número maior de pessoas que descontam o futuro de forma hiperbólica. Ora, isso precisa uma explicação. Ainslie sustenta que isso ocorre justamente porque temos vários desejos ou interesses cujas curvas cruzam a todo o momento. Isso faz com que os indivíduos consigam satisfazer seus desejos muito embora acabem tendo um comportamento flutuante (ou "incontinente"). Compare as duas figuras abaixo (Figura 4). Na primeira, temos um indivíduo que espera a realização de um objetivo futuro, quando surge (momento  $t$ ) a tentação de mudar sua decisão em favor de outro objetivo, menor, mas que se realiza num momento precoce. Se esse indivíduo descontar o futuro de forma exponencial ele provavelmente se manterá firme em seu propósito (indivíduo 1). Mas se ele descontar de forma hiperbólica, ele será tentado a abandonar seu objetivo maior, já que, no momento  $t$ , o valor do objetivo ou desejo alternativo é maior:

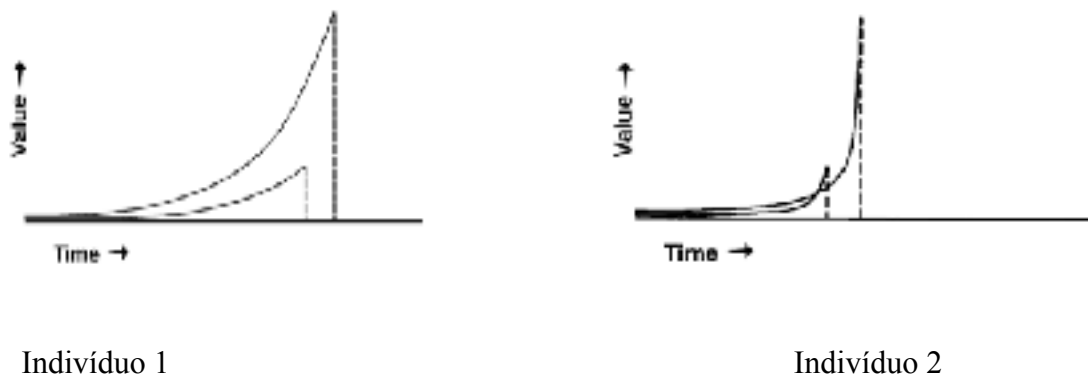


Figura 4 - Numa curva de desconto exponencial (indivíduo 1), a cada ponto o valor dos dois objetivos mantêm-se proporcionais e o indivíduo não se vê tentado a abandonar a decisão de buscar o objetivo alternativo que lhe proporcionará maior recompensa futura. Numa curva de desconto hiperbólico, o objetivo com uma recompensa menor acaba sendo preferido no momento em que se aproxima sua realização (figuras extraídas de Ainslie, 2004, p. 32). A diferença entre os traçados descontínuos é a representação da diferença temporal entre as duas recompensas futuras, onde se assume que uma delas ocorre antes, porém é menor em magnitude que a outra. Visto do início, o agente admite sem problemas que deve manter-se buscando a recompensa maior. Porém, embora isso também seja admitido pelo indivíduo 2, na medida em que a recompensa menor se aproxima ela se torna, devido ao efeito hiperbólico, mais intensa e mobilizadora que a outra.

Ainslie usa esses modelos para explicar o comportamento de adictos. Pessoas acometidas por alguma adição (ao álcool, por exemplo) funcionam de forma hiperbólica. Elas reconhecem durante a abstinência que evitar o primeiro gole é o melhor a ser feito. Todavia, no momento em que acordam, aumentando o desejo de beber (em muitos por efeito da abstinência), eles abandonam o compromisso assumido de se manterem abstinentes. Podemos traçar alguma analogia com nosso tema, ao menos de forma exploratória. Pois, se o compromisso do atleta em seguir as regras do jogo e de manter-se numa postura de respeito e solidariedade para com seu adversário forem desejos ou determinações da vontade que podem entrar ocasionalmente em conflito com o desejo de vencer a competição, com a proximidade do fim da disputa, ou diante de uma situação que pareça impor riscos ao desportista de perder a competição, assumindo-se que o atleta também desconta, como parece ser a regra geral nas pessoas comuns, o futuro de forma hiperbólica, pode ocorrer que o competidor decida abandonar o compromisso com a prática do fair play ou do respeito às regras do jogo em benefício de seu interesse e, sagrar-se vitorioso. Enfim, assim como ocorre no caso do problema da acrasia, é possível que a tensão entre o desejo de vencer e o

compromisso de respeitar o adversário seja uma característica inerente do empreendimento desportivo.

Contudo, se essa tensão faz parte da natureza do esporte, a pergunta é: o que poderia garantir que nesse tensionamento, a vontade de vencer não acabe sobrepujando os recursos empáticos, induzindo o desportista a macular sua carreira? Ou, em outras palavras, o que pode garantir que essa tensão persista equilibrada? Talvez não se tenha uma resposta definitiva para essas questões. No entanto, um argumento que podemos empregar para ratificar a importância da tensão no esporte foi dado justamente por Huizinga, o de que a competição torna a disputa apaixonante. Pode-se defender que é em vista disso que o esporte continua sendo admirado e praticado por um grande número de pessoas.

### ***3. Pode a empatia ser prejudicial à competição?***

Nem todos concordam com a tese de que o esporte é essencialmente competitivo, pois é comum relacionar o esporte à aquisição e difusão de valores éticos e morais, como também à busca do homem pela humanização da vida e pela harmonia entre o “corpo” e a “alma” (Bento, 2004; Blázquez Sánchez, 1999). De acordo com Bento (1990), foi através dos jogos que os homens se perceberam legitimamente humanos descobrindo sua verdadeira natureza. Essa relação do esporte com o desenvolvimento humano tem se mantido nos dias atuais. Por outro lado, o esporte também criou uma visão diferente, altamente competitiva, e como exemplo dessa competitividade está o esporte olímpico. Triviño (2011) chama atenção para a competitividade como um aspecto questionável, por ser considerada como uma promoção de traços de caráter negativos.

A profissionalização do esporte parece ter contribuído para reforçar o espírito competitivo. É incomum o envolvimento numa atividade desportiva que não tenha um cunho competitivo, visto que, para muitos a competitividade tem uma prioridade sobre todos os demais aspectos sociais que envolvem o esporte profissional. Por sua vez, é a vontade de vencer o que faz com que um jogador se esforce com cada vez mais determinação, combatividade e agressividade.

A distinção entre comportamento agressivo e comportamento violento é, todavia, uma distinção com limites algo imprecisos. Parry, por exemplo, defende que o esporte não é sobre conflito, mas sobre *competição*; não é sobre violência, mas sobre



*agressividade* controlada (Parry, 2012). Parry distingue agressividade e violência do seguinte modo: a agressão envolve disposição firme de alcançar os fins (no caso do esporte, de vencer a competição, ou de, enquanto meio para isso, realizar uma jogada para esse fim), enquanto a violência envolve a intenção de prejudicar ou machucar alguém. Assim, conclui Parry, é bem possível ser agressivo sem ser violento. Um jogador pode agir de forma vigorosa sem procurar ferir ou prejudicar ninguém. A violência, no entanto, tem a ver com buscar danos intencionais ou danos a terceiros, bem como tentativas de prejudicar, eventualmente como meio para alcançar um objetivo. A distinção, diz Parry, é clara; mas não há consenso na prática sobre qual é a linha divisória entre um comportamento agressivo (que é aceitável) e um comportamento violento (que é proscrito). Um dos motivos porque a distinção é difícil de ser estabelecida na prática é que ela depende do reconhecimento, no caso de atos de violência, de uma intenção de causar dano ou lesão (no adversário, no caso). Ocorre que em várias circunstâncias o movimento externo é idêntico. Um jogador pode ocasionalmente agir com agressividade e provocar uma lesão não intencional. Seria isso um ato de violência ou pura agressividade imprudente? Tome-se o exemplo do “chute”. No futebol, muitas vezes o jogador “chuta” seu adversário com intenção de atingir a bola, mas há situações em que seu objetivo é atingir o corpo do adversário. Muitas vezes alguém pode tentar impedir que outro jogador faça alguma jogada que resultará num gol, e para alcançar esse objetivo ele age com energia chocando seu corpo com o de seu oponente. Em alguns esportes, como no rugby ou no futebol americano, esses encontros são permitidos e o objetivo, embora não seja causar danos, é parar o adversário com energia. Enfim, como há uma diferença por vezes sutil ou difícil de precisar (como podemos saber com segurança quando jogador tem apenas a intenção de atingir outro provocando-lhe uma queda, por exemplo, de forma enérgica e quando ele tem a intenção de infringir-lhe dor, ou uma lesão?). Mesmo que haja uma diferença entre agressividade e violência, como defende Parry, é possível que um atleta aja ocasionalmente com a intenção de agredir, embora essa sua intenção possa ser dissimulada como uma ação de pura agressividade desportiva ou ímpeto enérgico.

De todo modo, parece bastante plausível que atos de agressividade (no sentido de Parry, atos “enérgicos”, de força) são atos promovidos em respeito às regras do jogo, ao

passo que atos de violência são atos que ultrapassam os limites daquilo que os adversários se exigem mutuamente. Evitar a violência no esporte é uma atitude de respeito mútuo.

Concordando com Darwall, o que permite o respeito ao adversário, e também o que permite ao agente a evitação de atos de violência é a mobilização de recursos empáticos (Darwall, 2006). No caso dos esportes, é justamente essa empatia que funciona como mecanismo comportamental e moral capaz de induzir o jogador a parar o jogo ou a competição (mesmo num momento em que o objetivo de vencer encontra-se prestes a ser alcançado) e olhar para o outro, colocando-se em seu lugar ou eventualmente confortando-o (praticando o *fair play*, ou consolando o adversário após algum fracasso).

Como se sabe, a cultura da competição clama pela vitória. Por conseguinte, é importante considerar se os mecanismos empáticos são intensos o suficiente para conter o jogador no instante em que suas ações ultrapassarem os limites da justa competitividade. Como a empatia favorece ações altruístas, é ela o que limita a agressividade a parâmetros aceitáveis de não-violência (Hoffmann, 1987, 1989, 1990; Bandura, 1987). Daí a hipótese de que a empatia exerça uma função inibidora sobre as tendências agressivas que emergem ou podem emergir como consequência da competitividade inerente à competição. Essa ação inibidora teria inclusive uma base neuro-hormonal (Zak, 2012).

Vamos voltar agora um pouco a Adam Smith. Faria, assim, sentido dizer, copiando Adam Smith, que não é da benevolência do desportista que esperamos seu desempenho sublime, e sim de seu interesse próprio em vencer? Ora, como é do interesse de todo desportista obter vantagens em relação ao seu adversário, também poderia ser de seu interesse evitar que sua eventual (e natural) benevolência ou fraternidade afete seu comportamento no jogo. De fato, recordes e desempenhos, vitórias, prêmios e taças, é isso o que estimula o competidor em qualquer esporte competitivo; agiríamos ingenuamente se enfatizássemos ao desportista que ele deve praticar seu esporte favorito visando prioritariamente beneficiar a todos de modo igual, incluindo seus adversários.

Ora, talvez haja aqui certa confusão entre a busca dos bens internos, mas inerentes à competição (a excelência), e as *motivações* internas (determinação, coragem, superação,

desejo de vencer) que estimulam cada atleta. Seria, assim, dúbio ou contrário ao espírito olímpico ou desportivismo, motivar um atleta exigindo dele competitividade? Imagine, porém, um treinador motivando um atleta dizendo-lhe que deve agir de forma solidária, piedosa, ou generosa para com seu adversário. Imagine também um torcedor entoando gritos das arquibancadas conclamando os jogadores de seu time preferido a serem fraternos e solidários para com seus oponentes. Não estaríamos com isso estimulando o atleta a jogar “contra si mesmo”? A conclusão é óbvia: em competições, os jogadores não se acham primariamente motivados a promover o bem alheio ou o bem comum, mas sim o seu bem individual (ou o bem de seu grupo específico). Nessa busca, eles desenvolvem traços de excelência. Virtudes, nesse sentido, são disposições comportamentais para alcançar os objetivos de uma atividade. Um atleta excelente é um atleta que exhibe virtudes que o tornam exímio em sua atividade desportiva (MacIntyre, 1984). Mas quais são as finalidades da sua atividade afinal? Bem, ao menos uma e essencial é VENCER! Assim, parece claro que um atleta exímio é aquele que desenvolveu traços de comportamento que o tornam apto a vencer. É possível que alguns desses traços sejam morais por excelência (respeitar o adversário). Mas um atleta que sempre respeita seu adversário e nunca vence não é um atleta exímio!

Partindo desse pressuposto, uma conclusão a que podemos chegar é que, para que a vontade de vencer possa emergir livremente, é preciso menos empatia do que a moralidade exige em situações ordinárias. Podemos inclusive especular que, se fosse possível administrar aos jogadores algum fármaco capaz de estimular condutas empáticas, o resultado disso para o esporte competitivo seria simplesmente desastroso. Por outro lado, no universo desportivo competitivo, não há lugar também para o desânimo, para o desinteresse, para a falta de determinação.

Assim, em jogos competitivos, parece que todo desportista desenvolve a capacidade de manter suas reações emocionais empáticas sob controle. Afinal, se ele for muito empático com seu adversário, evitará jogadas não apenas violentas, mas também jogadas agressivas, enérgicas e firmes. Parece plausível que, numa competição, o desportista só age empaticamente diante de seu adversário em momentos limites, aqueles onde a situação é grave, podendo exigir eventualmente a suspensão do próprio jogo. Suponhamos, a título de exemplo, que, numa partida de futebol, ocorra uma

jogada dentro da área onde dois jogadores sobem para disputar a bola, e um deles acaba acertando uma cotovelada, inadvertidamente ou não, no rosto do outro. O jogador cai com o rosto sangrando. É comum nessas situações que o árbitro não precise interromper o jogo, pois os próprios jogadores fazem isso espontaneamente e correm para socorrer o colega de profissão lesionado.

Por outro lado, nas relações comuns, não é necessário pensar em situações dramáticas para que as pessoas manifestem reações empáticas. Por exemplo, é muito comum que os pais joguem com seus filhos deixando-os ganhar. Em um jogo de cartas, por exemplo, em algum momento todo pai vai tender a “amolecer” a fim de que seu filho pequeno possa ganhar. Afinal, nesse caso, o jogo não passa de uma brincadeira, entre pais e filhos. Se o filho perder sempre para o pai, o jogo não será prazeroso, e perderá a graça. A empatia do pai permite nesses casos que o filho possa sentir também o sabor da vitória.

Parece assim que a natureza humana (a natureza humana tão bem descrita por filósofos modernos como David Hume e Adam Smith) se expressa de um modo diferente nas competições. Nas interações entre amigos e familiares, a compaixão empática (ou simpática) é uma regra; nas interações sociais, o respeito a direitos é uma norma externa, mas que exige dos cidadãos uma contínua preocupação em garantir interações sociais justas. Mas jogos e esportes são empreendimentos artificiais. Neles, como disse Suits, a exibição de uma habilidade é um traço característico (Suits, 1988). Sejam em esportes atléticos, onde a exibição de uma habilidade na competição é julgada por um juiz, sejam em esportes de competição, onde o desempenho é resultado do jogo e cabe ao árbitro garantir que o jogo ocorra dentro de suas regras, o que observamos é um ambiente de enfrentamento. Se esse enfrentamento ultrapassar os limites impostos ao *fair play* e ao respeito a direitos esportivos, os desportistas podem ser denunciados, julgados e eventualmente punidos (ocasionalmente com o banimento do esporte). Em contrapartida, as pessoas na sua vida diária comportam-se de outra maneira, podendo ser gentis, solidárias, cooperativas, e quando manifestam atitudes que ultrapassam os limites da boa convivência, elas são rechaçadas ou repelidas, e se suas condutas infringem ou violam os limites e restrições que os direitos alheios e a lei estabelecem, podem ser punidas por isso. Poderíamos comparar essas duas formas de comportamento

social humano. Mas, nessa comparação, uma dessemelhança destaca-se: esportes são empreendimentos sociais em que a disputa e a competição estão em seu centro anímico; o que não é necessário nem recomendável para o caso das nossas interações humanas no seio da sociedade.

A competição desportiva é, portanto, um empreendimento artificial na qual é permitido e recomendável nos afastarmos do contexto social em que a empatia é chamada para governar nossas interações. Competições, talvez, sejam especialmente desenhadas socialmente para permitir que nossa empatia seja suprimida sem causar-nos prejuízos. É possível que em esportes como o futebol, se neles imperasse a empatia, os jogadores dificilmente cometeriam faltas intencionalmente (especialmente as violentas), nem agiriam com agressividade, como quando os jogadores disputam a bola com energia suficiente para derrubar o adversário. Numa competição, o excesso de empatia pode tornar-se problemático, levando o atleta a "desligar-se do jogo", deslocando o foco da busca da vitória para a preocupação com o bem-estar de seus adversários. Em competições, há um nível de empatia diferente daquele praticado na vida diária, sem o qual a vontade de vencer não guiaria as ações dentro do jogo. <sup>6</sup> Por outro lado, atletas sem qualquer empatia, embora possam ser muito competitivos, podem ser levados a não exercer o *fair play* quando ele for necessário. Suas virtudes desportivas nesse caso se reduziriam apenas às virtudes competitivas, o que poderia induzi-los a comportamentos indiferentes às regras morais que sustentam o próprio jogo. Sem empatia, eles poderiam deixar de interromper o jogo numa situação que assim o exigisse, não confortariam o adversário numa situação difícil e, muitas vezes, nem o próprio parceiro. Ora, é claro que isso não é adequado.

### ***5. Quando a empatia "vence" a competição***

O dia 29 de novembro de 2016 será lembrado como um dia muito triste para o mundo desportivo. Nesse dia, todos acordaram impactados com a notícia de uma das maiores, senão a maior tragédia acontecida no meio do futebol mundial. A Associação Chapecoense de Futebol, chamada carinhosamente de “Chape”, foi atingida por um trágico acidente aéreo.

A delegação do clube do interior de Santa Catarina, mais precisamente da cidade de Chapecó, juntamente com profissionais da mídia, foram protagonistas de um acidente fatal que interrompeu suas vidas. Jogadores, dirigentes, comissão técnica e jornalistas, não chegaram ao seu destino, não puderam exercer as suas profissões, não sentiram o gosto da vitória, tampouco da derrota.

Com certeza, o futebol experimentou seu dia mais trágico e mais triste de todos os tempos. Na semana anterior, num jogo dramático e cheio de emoções, o time de futebol da Chapecoense se classificou para disputar a final da Copa Sul-Americana de 2016 contra o Club Atlético Nacional S.A. de Medellín, na Colômbia. No jogo da final, os jogadores da Chapecoense viajaram em busca daquela que seria a maior conquista do clube de Chapecó com apenas 43 anos de fundação.

A delegação do time brasileiro fez o trajeto Brasil-Colômbia num avião fretado. Quando esse avião estava há poucas milhas do aeroporto da cidade de Medellín, uma pane elétrica provocou a queda da aeronave (hoje já se tem conhecimento que foi falta de combustível), deixando um saldo de 71 pessoas mortas. Uma tragédia, um acidente, um drama sem precedentes no meio desportivo.

A notícia correu o mundo, foi manchete em jornais e em todos os tipos de mídias e redes sociais. Em solidariedade ao time catarinense, diversos clubes ao redor do planeta prestaram condolências, demonstraram apoio e fizeram homenagens. Em meio a tanta tristeza, esse acidente revelou uma união entre os clubes de todas as partes do mundo, em torno de gestos de solidariedade. Aliás, a palavra solidariedade se transformou num lema universal, marcada por um forte movimento de apoio ao clube, aos familiares e amigos das vítimas.

Pois é nesses acontecimentos inesperados e trágicos que os sentimentos de compaixão, de solidariedade e da ajuda encontram seus momentos mais sublimes. A solidariedade tomou conta do mundo, as pessoas se colocaram no lugar de todos aqueles que viveram esse momento de profunda tristeza, tentando amenizar a dor de quem sofria. Foi possível observar essa solidariedade pela maneira com que as pessoas ligadas ao futebol reagiram ao acontecimento. Dirigentes de clubes colocaram à disposição da Chapecoense seus jogadores, sugeriram à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) uma mudança no regulamento do campeonato brasileiro, a fim de que o clube

permanecesse nos próximos anos na 1ª divisão da competição. Entretanto, o maior gesto de grandeza, desprendimento e empatia veio do Atlético Nacional (seu adversário na competição), ao solicitar à Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) que concedesse o título de campeão da Copa Sul-Americana de 2016 à Associação Chapecoense de Futebol. Essa atitude foi reverenciada e aplaudida por todos àqueles que admiram o futebol, inclusive dos torcedores do Atlético Nacional, pois além do desprendimento, houve uma forte relação de empatia com seu adversário. Por esse gesto o Atlético Nacional recebeu da Conmebol o prêmio Centenário Conmebol do *Fair Play*. Esse prêmio vem exaltar o espírito de paz, compreensão e jogo limpo dos colombianos.

Contudo, ainda estava por acontecer uma das maiores demonstrações de nobreza de um povo. O que se viu na Colômbia na noite que seria realizado o primeiro jogo da final foi um ato gigantesco de empatia coletiva. O estádio Atanásio Girardot, casa do Atlético Nacional de Medellín, lotou de colombianos em homenagem às vítimas do acidente. Os 45 mil lugares disponíveis no estádio, que teve entrada gratuita, foram ocupados e milhares de pessoas também marcaram presença do lado de fora. Cartazes, faixas, velas, flores e músicas transformaram o estádio num templo de empatia e solidariedade e a Colômbia transformou aquele momento numa grande final.

Diferente de uma partida de futebol, naquela noite, não houve “bola rolando”, não houve dribles, nem faltas, nem gritos de gol. Havia, porém, um estádio lotado, uma torcida entoando os cânticos do adversário e dos dois campeões. Por esse desprendimento, o Atlético Nacional tornou-se o clube do exterior mais popular entre os brasileiros. Um marketing que só a grandeza pode alcançar.

No desastre aéreo nenhum colombiano morreu, de tal modo que o futebol pode ter sido apenas o gatilho para algo que já existia sob a pele daquele povo, a compaixão movida por empatia.

Num mundo cada vez mais cheio de conflitos e intolerâncias, esse episódio de compaixão e solidariedade tem um significado imenso, de que ainda se pode pensar em humanidade, em valores morais, em sensibilidade, pois foi isso que os colombianos ofereceram ao mundo naquela noite em Medellín. A empatia com a dor do povo de Chapecó deixou evidente que o ser humano ainda pratica a generosidade e solidariedade.

Muitos acreditam que isso possa ter sinalizado um recomeço na história do futebol, um recomeço que pode ter sido deflagrado nesse dia 04 de dezembro de 2016, pelas principais torcidas organizadas dos clubes de São Paulo. Normalmente rivais, as torcidas do Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos protagonizaram algo raro de se ver no futebol brasileiro. Diante do episódio fatídico ocorrido com a Chapecoense, essas torcidas, deixaram de lado qualquer rivalidade futebolística e adotaram um discurso de paz, num ato realizado em prol da solidariedade, em frente ao estádio do Pacaembu. É possível, que esse encontro sirva para unir as torcidas em prol da paz, para que se comece um novo momento, com o entendimento de que no futebol existem rivais, não inimigos. O dia 30 de novembro de 2016 ficará marcado pelo dia em que o mundo e o futebol pararam a competição e deram prioridade à solidariedade empática.

Num esporte onde a competitividade e os negócios financeiros atingem proporções gigantescas, ver um clube de futebol expressar um gesto de abnegação, abrindo mão da conquista de um título em prol de outro clube representa algo novo e sublime. Num gesto maior ainda de grandeza esse mesmo clube faz uma homenagem ao seu adversário sem precedentes na história recente do futebol. Jogadores, torcida e todos os envolvidos nesta disputa deixaram de se importar com sua vitória pessoal fazendo com que a compaixão superasse o desejo de ser campeão. O esporte, devemos reconhecer, também depende para seu sucesso desses momentos sublimes. Trata-se, contudo, de momentos especiais. Sua função simbólica é mostrar a todos que o esporte é um empreendimento artificial, que a competição que nele se emula é parte de seus traços intrínsecos, mas que o horizonte maior que faz dele um empreendimento humano encantador está em nossa disposição comum para a sociabilidade, e em nossa permanente disposição para a compaixão, solidariedade e respeito.

## ***6. Considerações finais***

Neste artigo, sustentou-se que há duas disposições em tensão permanente no esporte competitivo: a disposição ou a vontade de vencer e a disposição empática. Uma conclusão a que podemos chegar é que não há uma única disposição que caracterize a essência do esporte. Não há esporte competitivo sem disposição firme para vencer; e não há também esporte sem solidariedade e respeito. Talvez o que faça dos esportes



empreendimentos humanos interessantes é justamente que ele possa combinar de forma harmônica essas disposições tão diferentes. Parece que o papel do bom desportista é a de conduzir essas duas disposições numa tensão que não se rompa. É desse equilíbrio que depende a sublime disposição para a desportividade.

## NOTAS

<sup>1</sup> David Hume (2001) e Adam Smith (1987) usavam o termo em inglês *sympathy* para caracterizar o que atualmente os psicólogos chamam amplamente de “empatia”. É plausível, porém, que haja diferentes modalidades de reações “empáticas” e que, como defende Frans de Waal, por exemplo, apenas uma delas corresponda propriamente ao que alguns entendem por “simpatia” ou “preocupação simpática” (de Waal, 2010). Marcelle Coelho do Rosário tratou desse assunto em sua dissertação de mestrado intitulada “Empatia Judicial” (Rosário, 2015). Neste artigo, usaremos o termo ‘empatia’ em um sentido amplo, de modo a cobrir tanto as modalidades empáticas que correspondem em Waal às atitudes de “pôr-se no lugar do outro” como às modalidades simpáticas, por meio das quais manifestamos uma preocupação com o mal-estar ou sofrimento alheio (que de Waal chama de “sympathetic concern”).

<sup>2</sup> Pierre de Coubertin se refere a jovens atletas “Olímpicos” como aqueles que são capazes de disputar recordes mundiais. E, para tal, os atletas necessitam da “liberdade do excesso”, uma divisa onde eles sejam citius, altius, fortius; mais rápido, mais alto, mais forte. Essa é a divisa daqueles que ousam bater recordes (Coubertin, 2015, p. 573).

<sup>3</sup> Solomon (2006, p. 326) cita Aristóteles que usou a palavra “moral” para dizer simplesmente “prático”, e que a tradição judaico-cristã ofereceu às palavras “moral” e “moralidade” significados opressivos e até cósmicos. A moralidade era aquele código que nos foi dado por Deus. Assim, a moralidade foi dissociada de sua base social, a *polis*, prevista por Aristóteles, e tornou-se um interesse de Deus e do indivíduo e apenas num segundo momento da sociedade.

<sup>4</sup> “[...] [O] homem feliz vive bem e age bem; pois definimos praticamente a felicidade como uma espécie de boa vida e boa ação” (p. 17). A felicidade para Aristóteles corresponde ao hábito continuado da prática da virtude e da prudência. Por sua própria natureza humana os homens buscam o bem e a felicidade, mas esta busca só pode ser alcançada pela virtude. A virtude é entendida como *aretê* - excelência. É somente através do nosso caráter que atingimos a excelência. A boa conduta, a força do espírito, a força da vontade guiada pela razão nos leva a excelência. Dessa maneira, a felicidade está ligada a uma sabedoria prática, a de saber fazer escolhas racionais na vida. É feliz aquele que escolhe o que é mais adequado para si. “Em verdade o fato de todos os seres, tanto os brutos como os homens, buscarem o prazer é um indício de que ele seja, de certo modo, o sumo do bem” (Aristóteles, 1991, p. 167).

<sup>5</sup> Aristóteles tratou largamente do problema da incontinência (*ἀκρασία*) na *Ética* a Nicômaco. Aristóteles assume que Sócrates teria sustentado que a incontinência é impossível e que o fenômeno era melhor explicado com um exemplo de ignorância. Em outras palavras, a visão socrática seria de que se o homem incontinente realmente soubesse o que deve fazer ele não deixaria de fazê-lo. A razão é que, para Sócrates, o conhecimento não poderia ser batido ou superado por um mero desejo ou apetite, mas Aristóteles admitiu que a incontinência era um fato comum. Aristóteles entendia a ética como prática. Mas se a ética é conhecimento prático, a mera possibilidade de que uma pessoa racional pudesse não guiar sua conduta por aquilo que reconhece como sendo correto fazia da virtude moral uma disposição muito frágil.

<sup>6</sup> Bandura admite que a sensibilidade empática provavelmente possa favorecer ao altruísmo e reprimir a agressividade. Mas para que a pessoa altamente empática realize ou não ações altruístas depende de

outros determinantes como as limitações que a situação impõe, a disponibilidade de habilidades para ajudar o outro, a atribuição de responsabilidade, etc. (Bandura, 1987, 1991).

## BIBLIOGRAFIA

### 7. *Bibliography*

Ainslie, George. Breakdown of will. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ATLETA desiste de buscar vitória e ajuda irmão em fim dramático no triatlo. UOL Esporte, São Paulo, 19 set. 2016. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/2016/09/19/atleta-desiste-de-buscar-vitoria-e-ajuda-irmao-em-fim-dramatico-no-triatlo.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

Aviao com equipe da Chapecoense cai na Colômbia e deixa mortos. G1, São Paulo, 29 nov. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/aviao-com-equipe-da-chapecoense-sofre-acidente-na-colombia.html>. Acesso em: 19 jan. 2017.

Axelrod, Robert. The evolution of cooperation. Basic Books, 1984.

Bandura, Albert. Pensamiento y acción. Barcelona: Edit. Martínez Roca, 1987.

Baron-Cohen, Simon. The science of evil: On empathy and the origins of cruelty. New York: Basic Books, 2011.

Batson, C. Daniel. Altruism in humans. Oxford: Oxford University Press, 2011.

Bento, Jorge Olímpio. À procura da referência para uma ética do desporto. In: Bento, Jorge Olímpio; Marques, António Teixeira (eds.). Desporto, ética, sociedade. Porto, Portugal: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física/ Universidade do Porto, 1990. p. 23-39.

Bento, Jorge Olímpio. Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins. In: GAYA, Adroaldo; MarquesS, António Teixeira; Tani, Go. Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

Blair, Robert James Richard. The development of morality. Doctoral Thesis, University of London, 1992.

Blázquez Sánchez, Domingo. A modo de introducción. In: Blázquez Sánchez, Domingo (Org.) La iniciación deportiva y el deporte escolar. 4. ed. Barcelona, España: INDE Publicaciones, 1999. p. 19-45.

Coubertain, Pierre de. Olimpismo: seleção de textos. Tradução de Luiz Carlos Bombassaro. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2015.

- Darwall, Stephen. Empathy, sympathy, care. *Philosophical Studies*, 89, 1998, p. 261-282.
- Darwall, Stephen. *The second-person standpoint: morality, respect, and accountability*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2002.
- De Waal, Frans B.M. Putting the altruism back into altruism: the evolution of empathy. *Annual Review of Psychology*, 59, 2008, p. 279-300.
- De Wall, Frans. *A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Harman, Gilbert. Ética das virtudes sem traços de caráter. *Trólei, Revista de Filosofia Moral e Política* 1, 2003. Online em: [http://www.spfil.pt/trolei/tr01\\_harman.htm](http://www.spfil.pt/trolei/tr01_harman.htm) (acesso em 24.02.2014).
- Hoffman, Martin L. Empathic emotions and justice in society. *Social Justice Research*, [S.l.], v. 3, n. 4, p. 283-311, 1989.
- Hoffman,, Martin L. Empathy and justice motivation. *Motivation and Emotion*, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 151-172, 1990.
- Hoffman,, Martin L. La aportación de la empatía a la justicia y al juicio moral. In: Eisenberg, N.; Strayer, J. (Eds.). *La empatía y su desarrollo*. Bilbao, España: Desclée de Brower, 1992. p. 59-93. Reimpressão de “The contribution of empathy to justice and moral judgment”. New York: Cambridge University Press, 1987. p. 47-80.
- Hoffman,, Martin L. *Empathy and moral development: implications for caring and justice*. New York: Cambridge University Press, 2000.
- Huizinga, Johan. *Homo ludens*. Título original: *Homo ludens: vom Ursprung der Kultur im Spiel*. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2000.
- Kretchmar, Scott R. *Practical philosophy of sport and physical activity*. 2nd Edition. Human Kinetics, 2005.
- MacIntyre, Alasdair. *After virtue*. 2nd Edition. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame, 1984.
- Parry, Jim. The power of sport in peacemaking and peacekeeping. *Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics* 15 (6) 2012: 775-787.
- Porter, Michael E. e TEISBERG, Elizabeth Olmsted. *Redefining health care: Creating value-based competition on results*. Harvard Business Review Press, 2006.
- Prinz, Jesse. Against empathy. *The Southern Journal of Philosophy*, 49, Spindel Supplement, 2011: 214-133.
- Rosario, Marcelle Coelho do. *Empatia judicial: uma proposta compatibilista*. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2015.

- Slote, Michael. *Moral sentimentalism*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- Smith, Adam. *Teoria dos sentimentos morais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Tradução Lya Luft; Revisão Eunice Ostrensky).
- Sober, Eliot e Wilson, D.S. *Unto others. The evolution and psychology of unselfish behaviour*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008.
- Solomon, Robert, C. *Ética e excelência: cooperação e integridade nos negócios*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Suits, Bernard. *Tricky triad: games, play, sports*. *Journal of the Philosophy of Sport* 15, 1988, p. 1-9.
- Pérez Triviño, J. L.. *Ética y deporte*. España: Editorial Desclee De Brouwer S/A., 2011.
- Williams, Bernard. *Moral: uma introdução à ética*. Tradução de Remo Mannarino Filho. Revisão da tradução por Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Zak, Paul J. *The physiology of moral sentiments*. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 77, 2011: 53-65.